

Telas, literatura infantil digital e formação de leitores

Pantallas, literatura infantil digital y formación de lectores

Computer screens, digital literature for children, readers development



Ana Elisa Ribeiro

Carla Viana Coscarelli

REVISTA RIZOMA

Telas, literatura infantil digital e formação de leitores

Entrevista com a profa. dra. **Giselly Lima de Moraes** (UFBA) pelas professoras dra. Ana Elisa Ribeiro (CEFET-MG) e dra. Carla Viana Coscarelli (UFMG)

A entrevistada deste dossiê que interpela se temos telas demais é uma professora e pesquisadora que se dedica, justamente, ao estudo da literatura que, necessariamente, se apresenta em telas. Giselly Lima de Moraes é pesquisadora da literatura infantil digital e da formação do leitor literário há vários anos. Embora seu objeto pareça circunscrito a certo público leitor e a certo objeto, os achados de suas investigações transbordam para reflexões muito mais amplas sobre leitura e tecnologias na contemporaneidade. Giselly é mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com estágio sanduíche na Universidade Autônoma de Barcelona, onde mantém estreita colaboração de pesquisa. Fez uma especialização em Literatura Brasileira e a licenciatura em Pedagogia. Há vários anos, é professora adjunta do Departamento de Educação II da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Educação. Realiza atualmente pós-doutorado em mediação de literatura infantil e juvenil digital na Universidade Autônoma de Barcelona. É membro-fundador do Coletivo Leitura na Tela, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem (GELING) e do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e

Juvenil Digital e Design, além de coordenar o projeto permanente de extensão Narrativas Literárias, Multimodalidade e Mediações (NAMME). Nesta conversa, tratamos da leitura e das telas no tempo presente, aproveitando para refletir sobre educação e digitalidades.

Rizoma. Nosso dossiê neste número da revista Rizoma quer provocar com uma pergunta inicial: "Telas demais?" Isso remete a muitas situações de nossa paisagem comunicacional atual, mas também educacional e midiática. O que você considera que são "telas demais" e o que são "telas de menos", nesses âmbitos de estudo, pesquisa e práticas educativas/educacionais?

G. L. Moraes. A gente pode compreender essa afirmação “telas demais” de várias maneiras. Pode entender como uma expressão que significa que há telas em uma quantidade maior do que precisamos, o que remete à onipresença delas nos espaços, nas nossas relações sociais, nas atividades do cotidiano etc. Desde a tevê na parede daquele restaurante ao lado do trabalho, passando pelo caixa do banco 24 horas, até o nosso computador pessoal ou celular, todo lugar tem tela e quase tudo que fazemos tem uma tela no meio. Mas “telas demais” também tem o sentido de “a mesma tela por muitas horas”, querendo dizer que interagimos e olhamos para as telas (quase sempre do celular) por um tempo excessivo; talvez haja uma terceira acepção, no sentido de que estamos por demais conectados ao mundo virtual, que vai além do interagir com as telas e tem a ver com não conseguir se desligar dessa dinâmica de trocas e também com levar os padrões de comportamento on-line para nossas atividades em geral, inclusive para a forma como lemos. Parece-me que a segunda e a terceira acepções são as que mais têm causado preocupações, inclusive com a intensificação de estudos que buscam dar uma resposta sobre os efeitos da exposição às telas na infância e, principalmente, dos possíveis problemas decorrentes da quantidade de horas que colocamos nossa atenção (e permitimos que as crianças façam o mesmo) no celular ou no computador. É interessante, porque não vejo as pessoas pedindo para diminuir a quantidade de telas nos espaços onde elas têm uma utilidade prática inegável ou no lugar em que estão socializando ou fazendo coisas importantes para suas vidas. Isso me faz pensar que o problema não é apenas quantitativo, mas qualitativo. Instituições como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) têm se preocupado com essas questões, e essa última tem buscado oferecer uma referência para ajudar as pessoas a decidirem sobre quando oferecer um aparelho celular ou tablet para seus filhos, embora, quase sempre, a discussão gire em torno de quando e por quanto tempo. Há quase um consenso em torno da necessidade de diminuição no tempo de tela, mas há pouca preocupação em discutir, pelo menos na vida de crianças e adolescentes, a qualidade das experiências proporcionadas nos dispositivos digitais, sobre como chegaram a determinado conteúdo, com que critério fizeram essa escolha, se é que escolheram, ou se se trata apenas da aceitação passiva do que os algoritmos oferecem. Nesse sentido, nos espaços onde se poderia educar para lidar com o digital de forma qualificada, como a escola, quase sempre há telas de menos. E quando há muitas telas, elas são usadas apenas como um instrumento didático, não como uma mediação importante entre o/a estudante e o mundo, e que deve ser objeto de reflexão. A escola é o lugar onde se deveria estar preparando as pessoas, desde cedo, para interagir melhor e de forma crítica e seletiva com o universo digital, mas, infelizmente, essa é uma problemática que parece não estar no centro do debate, ou está com menos frequência. Parece que só estamos conseguindo lidar com essa questão de forma binária, sim ou não, e nos esquecemos de que os problemas decorrentes de uma

transformação comunicacional tão profundamente incorporada às práticas cotidianas dificilmente podem ser enfrentados pela via da recusa ou, por outro lado, pela aceitação dessa realidade de forma acrítica.

Rizoma. Quais são as telas que estão no centro das suas pesquisas? Por que e como você as elege como objeto de investigação?

G. L. Moraes. Atualmente, desenvolvo pesquisa sobre literatura infantil e juvenil digital. Lido com a tela que proporciona uma experiência estética de viés literário a partir recursos disponíveis no ambiente digital. Há cerca de 25 anos meu campo de estudo é a formação do leitor literário, e estudar a literatura infantil impressa sempre foi parte desse processo. Mas, em 2011, mais ou menos, comecei a me aproximar dos estudos sobre o meio digital, pois comecei a participar de um projeto de formação docente vinculado ao Programa Um Computador por Aluno (UCA), e meu recorte era a leitura. O material disponível para realizar as formações nesse campo eram, até pelo contexto da época, um tanto precários, produzidos por gente da área de Educação a Distância e excessivamente didatizados, no meu modo de ver. A perspectiva era de um livro didático gamificado, e isso me despertou a vontade de utilizar textos reais e descobrir outras possibilidades, do ponto de vista da linguagem e, sobretudo, da literatura. Nessa busca, descobri o site Ciberpoemas, do Sérgio Caparelli, e algumas obras brasileiras disponíveis para tablets, como os aplicativos da Editora Manati, com versões de contos de fadas, que, infelizmente, não existem mais e nem eram compatíveis com os computadores oferecidos pelo Programa. Acabei não seguindo no UCA, mas entrei no doutorado querendo pesquisar essas novas formas da literatura que começavam a aparecer no meio digital, que transcendiam os arquivos digitalizados de livros impressos. A ideia era pensar sobre as novas formas de ler a partir do que ofereciam essas obras digitais, feitas para serem lidas no computador ou no tablet e que se caracterizavam pela interatividade e pela multimodalidade. No caminhar do doutorado, e por um gosto pessoal, acabei me aprofundando na trilha sonora dos aplicativos literários, não apenas na música, mas também na voz e nos efeitos sonoros. A ideia era entender como os recursos sonoros poderiam contribuir para a leitura literária, em especial de obras narrativas. Acabei construindo uma pauta de análise dos recursos sonoros para explicar como esses recursos participam da multimodalidade e da construção da narrativa e para pensar sobre como podem ajudar a criança a compreender e apreciar melhor as histórias.

Rizoma. Você tem uma atuação transnacional, fazendo parte de pesquisas no Brasil e fora do país. Que intercâmbios são esses e como eles nos beneficiam?

G. L. Moraes. Esse processo tem a ver com um cenário muito específico da pesquisa sobre literatura infantil digital. Esse campo de estudos é recente e, a bem da verdade, ainda está em processo de constituição. No Brasil, são poucos os pesquisadores que se dedicam à literatura infantil digital, até porque é um tipo de literatura pouco conhecido e com uma produção escassa. Isso, de certa forma, facilita o intercâmbio, pois buscamos nos conhecer e nos unir para fortalecer o campo. Um ponto favorável é que a maioria já trabalhava com literatura infantil ou formação de leitores, o que já nos aproximava por outros caminhos. Atualmente, faço parte de um grupo de pesquisa, o LIJD e Design, e de um coletivo, o Leitura na Tela, que envolvem pesquisadores de várias universidades brasileiras, o que facilita muito o trabalho colaborativo entre nós. Eu e a Aline Frederico, da UFRJ, acabamos de concluir uma pesquisa sobre avaliação e mediação de literatura

infantil digital feita com a colaboração desses colegas e com o apoio do Itaú Social, que está em processo de publicação e da qual muito nos orgulhamos. Esperamos que em breve a gente tenha as condições, no Brasil, para voltar a pesquisar sobre isso com recursos públicos, como é o caso de outros países. Quanto à pesquisa internacional, a novidade do campo também favoreceu esse intercâmbio. No início da década passada, quando me interessei pelo tema, podia-se contar nos dedos das mãos as pesquisas nessa área, mas as que existiam eram potentes, apresentando um universo novo em relação à leitura. Um dos grupos que estavam desenvolvendo pesquisa sobre o tema era o Gretel, da Universidade Autônoma de Barcelona, coordenado, na época, por Teresa Colomer, que é uma referência importante no campo da educação literária. Resolvi fazer um estágio de doutorado sanduíche em Barcelona e, desde então, temos mantido um diálogo muito bacana. O pioneirismo do Gretel, um centro de referência sobre formação de leitores e polo agregador de pesquisadores internacionais, ao incorporar sem preconceitos o digital aos estudos que envolvem a infância e não abrir mão de estudos densos sobre a literatura infantil, constituiu-se um lugar de acolhida para quem se interessava por atualizar a produção de conhecimento no campo da educação literária. Por conta desse vínculo estabelecido a partir do doutorado, e que mantive com algumas colaborações pontuais, e também com meu interesse de voltar a Barcelona para um pós-doutorado, a atual coordenadora do grupo, profa. Ana María Margallo, que já havia co-orientado minha tese, me convidou para colaborar com a nova pesquisa. Essa pesquisa, que tem financiamento público, aliás, trata da mediação da literatura infantil e juvenil digital na sala de aula, no ensino secundário, com enfoque na multimodalidade das obras. Desde 2021 estou em Barcelona participando como pesquisadora visitante do projeto e, ao mesmo tempo, venho trocando conhecimentos, pensando na elaboração de um projeto de formação de professores para mediação de literatura infantil digital adaptado ao contexto brasileiro e para os anos iniciais. O projeto do Gretel é muito interessante, pois é desenvolvido com a colaboração efetiva de docentes da educação básica e o diálogo com diversos atores do campo da literatura infantil: formadores, autores e pesquisadores. Meu propósito é desenvolver algo inspirado nessa forma dialógica de pesquisar, a partir da minha universidade, a UFBA, e de forma integrada com a escola pública, em Salvador.

Rizoma. Que leituras e produções você considera importantes e mesmo fundamentais hoje, para quem estuda ou deseja aprender sobre telas, textos e literaturas?

G. L. Moraes. Meu interesse nessa discussão é sempre a formação leitora desde a infância e a experiência literária como direito. Nesse sentido, a grande maioria das minhas leituras fica muito nesse recorte e com um olhar muito específico para a educação de crianças e jovens. Como meu interesse é a experiência literária, eu continuo lendo coisas da teoria literária em geral e da didática da literatura. Mas, para situar essa discussão no digital, o australiano Lens Unsworth tem uma produção interessante sobre multimodalidade e digitalidade, porque o enfoque dele é a educação, em particular a incorporação nos currículos da escola básica de objetivos e conteúdos que tratem dessas novas problemáticas da leitura e da produção de textos na era digital. Ele tem artigos muito esclarecedores sobre as questões que envolvem a educação e a multimodalidade produzidos com outra pesquisadora, a Kathy Mills. Vale dizer que as produções sobre multimodalidade pelo viés da semiótica social, da qual derivam muitos outros estudos, têm sido muito importantes para mim. Sobre mediação, uma autora que conheci ano passado e acho que traz reflexões interessantes para a educação é a Natalia Kurcikova,

que tem pesquisas sobre mediação e produção de livros digitais com as crianças e pesquisa com enfoque na personalização digital. Sobre ficção e jogos narrativos digitais cito o Espen Aarseth e o Lucas Ramada, esse último com enfoque na educação literária. O Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlalc), uma organização de fomento à leitura da Colômbia, tem dois dossiês que acho muito importantes: um de 2020, com vários artigos que comparam a leitura na tela e no papel, e outro mais recente, sobre inteligência artificial e mundo editorial, ambos trazem dados e reflexões interessantes sobre o cenário atual da leitura. Tem bastante publicação do campo das neurociências sobre os efeitos das telas, algumas aliás bem alarmistas, mas essas eu não costumo recomendar porque o mercado já se ocupa disso. Eu acho que é preciso conhecer também as pesquisas das ciências humanas, da educação e dos estudos da linguagem, como as que se originaram no Gretel, e as produzidas no Brasil, como as de vocês, Ana Elisa e Carla, e também de Portugal. Temos ótimos pesquisadores que estão desenvolvendo trabalhos sobre a produção e a recepção literária digital, como as pesquisadoras do Coletivo Leitura na Tela (Aline Frederico, Jaqueline Conte e Mônica Araújo) e outros pioneiros, como o Edgar Kirchof e o Alckmar Santos, que publicam sobre isso há mais de uma década, entre outros.

Rizoma. Você tem se dedicado à literatura para crianças e às telas. Pode nos falar um pouco sobre isso? Como tem sido produzida e acessada essa literatura, o que ela tem de específico e de especial? Em que sentidos ela encoraja outros modos de ler? E de escrever?

G. L. Moraes. A qualidade da literatura infantil no Brasil é inquestionável. Temos uma produção reconhecida mundialmente com os melhores prêmios da área, com certa penetração na sociedade e sistema de autores e público consolidados. Apesar disso, nosso grande desafio no Brasil é fazer com que os livros cheguem a todos os lares e que a leitura seja incorporada às práticas cotidianas, em todas os contextos sociais, o que ainda estamos longe de alcançar. Uma das coisas que marcam a literatura infantil é a diversidade de formas como ela se manifesta no oral, no impresso e no digital. Comparando essas três materialidades, a literatura digital é ainda embrionária. Por outro lado, os celulares são um objeto onipresente e que faz parte de todas as camadas sociais. Percebem como a questão das telas recoloca o problema da leitura? Como lidar com isso? Vejo que o digital tem sido usado como uma tentativa para levar a literatura infantil impressa na forma digitalizada para os diversos espaços, por meio das plataformas de leitura que fazem contratos com prefeituras, por exemplo, em decorrência principalmente da pandemia, mas não apenas. Entendo que essa pode ser uma política auxiliar interessante, mas ela não pode ser substitutiva das políticas em torno do livro impresso e do acesso a bibliotecas físicas. Temo que o digital esteja colocado para a leitura, nas políticas públicas, como um suporte que se quer neutro, e ele não é. Há diferenças, perdas e ganhos. No caso da literatura infantil, em que o suporte de papel é relevante para a experiência, essa transposição de um meio para outro sempre vai gerar uma experiência precária. Por outro lado, a literatura infantil digital, o que já conhecemos dela - aqueles que tiveram a oportunidade de explorá-la com cuidado -, permite dizer que há muita potência para a fruição estética com a linguagem. Falo das obras que incorporam na leitura as potencialidades estéticas e tecnológicas que o meio digital possibilita e que o impresso não permite. A literatura digital tem contribuído com novas poéticas e novas formas de narrar e ampliado as formas de incorporar o leitor à leitura, além de articular diferentes experiências sensoriais por meio do som, da imagem em movimento e da interatividade.

Isso tudo possibilita construir novos sentidos e viver outras experiências estéticas, pois esses elementos trazem uma densidade diferente para a linguagem e outro jeito de experimentar a leitura. Nesse processo, outro tipo de leitor se constitui e minha hipótese é de que o contexto midiático contemporâneo exige desse leitor um tipo de competência para a qual essa literatura contribui, pois coloca essas novas linguagens em evidência. A nota triste é que essa literatura depende de um contexto de mercado muito complexo, com grandes monopólios, e está com a produção cada vez mais escassa. Entre 2012 e 2014, quando construí o corpus da minha pesquisa, encontrei mais de 40 aplicativos nas lojas virtuais para Android e IOS/Apple para analisar. Hoje isso é impossível, essas obras estão cada vez mais raras. Algumas obras on-line, disponíveis em sites, também sumiram por conta de substituição de tecnologias, como a do Adobe Flash Player pelo HTML5, e outras estão buscando alguma forma de monetização para continuarem disponíveis. Como precisam ser atualizadas, os criadores que não têm recursos para continuar desistem. É um cenário complicado, mas acredito que o potencial dessas obras para criar um espaço de interação poética com o digital pode contribuir para a atualização dos modos de ler e escrever em relação a essas novas demandas, esses novos letramentos. Também acho que as contribuições podem ser ainda mais relevantes no que diz respeito a uma postura mais analítica diante dos conteúdos digitais. Nesse caso, a mediação da escola, por meio do ensino e aprendizagem da leitura digital, é indispensável.

Rizoma. O que é literatura digital? É possível defini-la ou caracterizá-la?

G. L. Moraes. A literatura digital, infantil ou não, é um objeto que resiste a uma explicação fácil porque faz parte da experiência de um grupo muito restrito de pessoas, ainda, e descrevê-la sem mostrá-la, sem essa experimentação concreta, é muito difícil. Mas, em geral, dizemos que a literatura infantil digital é aquela obra narrativa ou poética direcionada às crianças que utiliza as potencialidades dos dispositivos digitais multimídia, como a interatividade, a multimodalidade – música, efeitos, animações, palavras, cores – e a não-linearidade, para promover uma experiência literária. Essas características podem aparecer em graus diferentes em cada obra. Há, claro, aquelas mais complexas e com recursos como realidade aumentada, multilinearidade, tecnologias locativas, trilhas elaboradas etc e outras mais simples. É importante dizer que, nem sempre, as com mais pirotecnia são as melhores. Há obras adaptadas do impresso (que não são apenas cópias em pdf, mas remediações) e há as nativas digitais, e isso faz alguma diferença. Uma obra como *Spot*, do David Wiesner, nasce no digital e traz um tipo de narrativa impossível de transpor para o papel. No Brasil, tivemos obras relativamente simples do ponto de vista tecnológico, mas excelentes do ponto de vista literário e que incorporaram com inteligência as possibilidades digitais, como a personalização da leitura e os recursos de gravação de voz, como os que citei da Manati.

Rizoma. Por muito tempo, testemunhamos uma tensão entre impresso e digital. Você acha que essa tensão existe? Há alguma tensão assim entre literatura infantil impressa e digital? Fale-nos sobre isso.

G. L. Moraes. Fico pensando a quem interessa essa oposição inútil. Por que não festejamos as novas possibilidades da leitura, em vez de temermos perder a hegemonia do impresso? Esse temor consegue evitar que o meio digital ocupe mais terreno nas práticas sociais ou está apenas produzindo mais uma desigualdade, entre tantas? Quem pode realmente abrir mão do digital? Eu vejo essa tensão por aí, mas ela é um tanto sem

sentido. Primeiro, porque a maioria das pessoas aprendeu a ler no meio impresso e desenvolveu práticas de leitura nesse contexto. Ou seja, é assim que sabemos ler e não abriremos mão disso tão fácil; digo isso como cultura da leitura em geral, que é grafocêntrica. Por outro lado, descobrimos que o digital, por meio dos arquivos digitalizados e e-books, permite que tenhamos acesso a textos que vieram da cultura impressa com muito mais facilidade, pela ubiquidade que a internet e a cultura numérica permitem. Essa nova possibilidade não destronou o livro e não creio que isso vá acontecer tão cedo. E aqueles que manejamos bem as ferramentas de busca e de seleção, sabemos o quanto a digitalização da escrita e a internet trouxeram um ganho sem precedentes para a democratização do conhecimento. Não acho que o digital ameace a cultura da leitura; talvez ameace a indústria do papel ou a cadeia produtiva relacionada ao livro. Mas aí temos a experiência que só o papel promove, a textura, a experiência da cor, da palavra e da imagem plasmada nele, a materialidade concreta do livro e suas arquiteturas possíveis, sem falar nas estantes cheias de livros coloridos que enfeitam nossas vidas. Quem aprende a gostar disso não vai encontrar o mesmo no digital. Ali vai encontrar outras coisas, outras possibilidades. Assim também é na literatura infantil. O livro-álbum oferece uma experiência única, possível apenas no papel. Mesmo que seja adaptado para um aplicativo, essa já vai ser outra experiência. Talvez algumas pessoas ainda não consigam entender isso, o que é uma pena. Essa oposição não existe para mim porque me importo mesmo é com a democratização e a qualidade da leitura que fazemos nesses diferentes contextos e de que forma elas nos enriquecem como pessoas e como sociedade. É inevitável que desenvolvamos novos modos ler, como aconteceu com as transformações tecnológicas lá atrás. A história da leitura nos mostra que temer essas transformações não vai evitar que elas se realizem.

Rizoma. É impressão nossa (rsrsrs) ou temos ainda poucos livros digitais infantis? Ou eles estão disponíveis e não sabemos onde?

G. L. Moraes. Depois de um certo *boom* no início da década de 2010, nos últimos anos, a produção perdeu força, e muito por causa do desequilíbrio que o hipercapitalismo impõe à produção cultural digital, com uma velocidade alucinante de mudanças tecnológicas que desestimulam as produções independentes. Visitei a cidade de Nantes recentemente e vi ali um forte estímulo à produção cultural digital em diferentes áreas; não produções específicas sobre a literatura, mas um interesse crescente em estimular novas alternativas para o mercado cultural digital. Penso que o mundo editorial tem de buscar esses novos caminhos; eles ainda são possíveis, mas obviamente diferentes dos caminhos do livro impresso e desse mercado. Esse depende menos do grande sistema para sobreviver, pois, apesar da força das grandes corporações, há sistemas alternativos que funcionam, até porque a tecnologia não é monopolizada e porque o livro goza de um valor simbólico inegável, que o digital tem de lutar muito pra conquistar. Produzir um aplicativo digital para crianças, que é algo ainda visto com desconfiança, pode ser muito caro, dependendo do tipo de recurso utilizado; e mantê-lo atualizado e disponível em uma loja virtual é custoso. Nessa lógica, se as vendas não acontecem logo, fica insustentável, pois quem determina os parâmetros de circulação são as grandes corporações, e as obras desaparecem. As obras on-line, mais abertas, que podem ser acionadas diretamente a partir de desktops, como *Inanimate Alice* (uma obra pioneira), são poucas e estão fora do padrão de consumo atual de produtos digitais, que tem acontecido predominantemente por meio das lojas virtuais ou por plataformas de jogos e *streaming*. Mas penso que isso é uma questão de constituir um público e, no caso da literatura infantil digital, a escola é

parte desse processo, como foi na literatura infantil impressa. Implica também fomentar a produção, realizar curadorias, inclusive no meio do sistema cultural dos videogames, que têm um mercado vigoroso, com narrativas jogáveis com qualidade literária e certas experiências poéticas que requerem capacidades interpretativas complexas. Nós, pesquisadores da educação, precisamos olhar com atenção para as diversas experiências simbólicas que a cultura digital tem proporcionado às crianças e jovens, e saber que muitas delas se aproximam de forma surpreendente da leitura literária.

Rizoma. Essa literatura poderia adentrar a escola? Como? Com que objetivos e, principalmente, sob que tratamento ou mediação docente?

G. L. Moraes. Embora ainda não tenhamos as condições ideais para isso, penso que essas produções não apenas podem como devem entrar na escola. Precisamos experimentar, começar de alguma forma, e, em alguns casos em que esse processo já começou, insistir. A leitura digital, como disse, requer novas estratégias, novos procedimentos leitores, novas formas de selecionar, compartilhar, interpretar os textos e vivenciar a linguagem. Essas interações estão constituindo novas formas de estar no mundo, gerando comportamentos e ideologias diversos, algumas muito perigosas e que passaram a ser naturalizadas por conta da mediação digital, desse novo contexto midiático. Penso que a literatura digital enfatiza a dimensão humanizadora da linguagem poética dentro dessa cultura sempre tão associada com o imediato, o utilitário, o frenético, o distante e o solitário. A literatura propõe um novo modo de estabelecer trocas simbólicas pelo digital, mas lidando com os mesmos recursos semióticos e códigos que outras práticas digitais utilizam, só que com um olhar artístico. A escola não pode se alijar dessa responsabilidade de preparar melhor as crianças e jovens para esse cenário, e isso vai muito além do uso didático das tecnologias para ensinar conteúdos pontuais. Quanto ao *como*, acho que é preciso trocar experiências e descobrir formas possíveis, além de lutar coletivamente pelas condições concretas para o ensino da leitura literária digital nas escolas. Uma das condições é abrir espaços de formação de professores e neles dar a oportunidade para que os docentes experimentem essas possibilidades da literatura digital. A partir dessa experiência, eles podem conhecer os desafios para a leitura e também as possibilidades estéticas das obras para, então, explorá-las em sala de aula. Pesquisas como a do Gretel estão buscando justamente descobrir caminhos, a partir da didática da literatura, para a mediação dessas obras. Logo virão artigos sobre isso e recomendo acompanhar.

Rizoma. A leitura em telas está demais ou de menos na formação leitora do cidadão e da cidadã contemporâneos?

G. L. Moraes. O atual contexto político nos mostra que essa sociedade tão conectada, tão ligada ao digital, ainda não aprendeu a ler as telas. Se é nelas que as pessoas acessam a informação e que trocam experiências, e tudo parece estar tão envolto em uma névoa de desinformação e mentira, é porque ainda há muito o que ensinar e aprender para que possamos interpretar o mundo ao nosso redor a partir dessas mídias. Há muita leitura e há bons leitores do digital, mas ainda estamos Tateando, como sociedade, nesse aspecto. Precisamos de um investimento educacional amplo, considerando que há uma mediação possível para melhorar a qualidade da leitura nas telas e que a escola é essencial nesse processo. Vemos o surgimento de políticas públicas que envolvem o digital na educação, inclusive de novos editais que apontam para o uso de conteúdos digitais na escola, mas ainda de forma instrumental ou como substituição do impresso, pois ali se indica que os

conteúdos têm de ser iguais nos dois meios. Essas políticas não dão sinais de que serão efetivas na formação leitora de cidadãos, menos ainda nos moldes que a contemporaneidade exige. Em primeiro lugar, porque o livro didático digital precisa de dispositivos adequados para acessá-lo durante a leitura e conexão à internet com qualidade - e temos muita desigualdade nesse campo; e, em segundo lugar, porque é preciso considerar conteúdo e forma como difusores de ideologias e tratá-los a partir de uma visão emancipadora, e não alienante, um desafio na atualidade e que requer urgência no seu enfrentamento.